

A Metanarrativa, a Cosmovisão Andina e o Pensamento Decolonial: uma amálgama de bambu?

*Glaucos Luis Flores Monteiro*¹

Resumo:

O presente artigo busca uma reflexão sobre possíveis conexões entre os termos *Metanarrativa*, *Pensamento Decolonial* e *Cosmovisão Andina*; analisa conceitos e opiniões de pensadores que discorreram acerca das definições, suas implicações semânticas/etimológicas. O trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em Cultura Contemporânea (PPG-ECCO/UFMT), que investiga influências do pensamento decolonial em uma ensemble boliviana, a *Orquesta Experimental de Instrumentos Nativos* (OEIN – La Paz); pretende analisar: estratégias de hibridação/resistência, formas de legitimação/significação de elementos de culturas tradicionais com outros da contemporânea, buscando localizar o encontro de teorias na prática cotidiana de uma orquestra de instrumentos de bambu. A fonte primária da pesquisa reside em uma etnografia iniciada em agosto de 2017, no *Programa de Residencias de Composición 2017*. A análise científica – que dialoga com autores como Coriun Aharonián, Cergio Prudencio, Gerard Béhague, Juan Pablo González, e outros, parte da interlocução do pensamento decolonial com os estudos culturais, as ideias de cosmovisão andina, as reflexões do pós-estruturalismo, da intertextualidade, das subjetividades sociais, entre outros, para uma reflexão sobre propostas musicológicas contemporâneas em nosso continente.

Palavras chave:

Contemporaneidade; Cosmovisão; Decolonialidade; Música andina.

1. Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Cultura Contemporânea, da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT (PPG-ECCO/UFMT), intitulada “Orquesta Experimental de Instrumentos Nativos: Uma leitura interdisciplinar do tradicional e do contemporâneo”. A pesquisa, orientada pela Dra. Teresinha Prada, propõe examinar, de uma forma interdisciplinar, ressonâncias do pensamento decolonial² nos diferentes discursos da *Orquesta*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT), Especialista em Gestão Pública, Comunicólogo, Técnico-administrativo da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. glaucos@ufmt.br

² Pensamento decolonial entendido como o conjunto de ideias/propostas defendidas por acadêmicos e ativistas da América Latina, formuladas na segunda metade do século XX, contou com a pesquisa interdisciplinar de nomes como Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Arturo Escobar e outros. Além de fazer uma atualização crítica para tentar compreender a modernidade, também invoca uma

Experimental de Instrumentos Nativos (OEIN) uma ensemble de instrumentos andinos tradicionais sediada em La Paz, na Bolívia. Pretende descrever atividades cotidianas da orquestra analisando estratégias de resistência, práticas musicais de culturas tradicionais com outras da contemporânea, formas de legitimação/significação, questionando em que proporções tais práticas artísticas e de gestão tem possibilitado resultados significativos na práxis de uma orquestra de música contemporânea, com enfoque nas questões arte/resistência, arte/vida. A análise – que dialoga com autores como Coriun Aharonián, Cergio Prudencio, Gerard Béhague, Juan Pablo González, Mauricio Sánchez Patzy e outros – parte da interlocução do pensamento decolonial com as ideias de cosmovisão andina, assim como as ponderações de Luigi Pareyson sobre as relações arte/vida, entre outras, para uma reflexão sobre propostas musicológicas contemporâneas em nosso continente. Esse estudo se localiza dentro da perspectiva teórica que relaciona a música com conceitos de articulações, narrativas, argumentos e lutas por sentidos sociais, e outros, ainda que certamente as possibilidades de análises não se esgotem aqui.

No tocante a seus objetivos, essa pesquisa se enquadra na categoria *Descritiva* (GIL 2008, p. 28), adotando métodos quantitativos e qualitativos; quanto aos procedimentos utilizados, podemos classificar como Estudo de Campo (LAKATOS 2003, p. 186), onde fazem parte do instrumental utilizado, além do levantamento bibliográfico e suas ferramentas específicas (leitura analítica, fichamento e outras), fontes publicadas na Internet (videográficas, textuais, etc.). Além de todo instrumental proposto, a fonte primária da pesquisa reside em uma etnografia começada em agosto de 2017, quando fui selecionado para o *Programa de Residencias de Composición 2017* da OEIN, realizando intensas atividades musicais, visitas a projetos de ensino musical, construtores de instrumentos, encontros e palestras com outros compositores da América Latina ligados à OEIN.

2. Amálgama de bambu

A reflexão inicial do presente tema (A Metanarrativa, a Cosmovisão Andina e o Pensamento Decolonial) se deu durante realização da disciplina Estudos de Cultura I: Concepções e Abordagens, do PPG-ECCO/UFMT, no primeiro semestre de 2017, onde

epistemologia, um sujeito e um projeto político que questionam os modelos eurocentristas do conhecimento.

as diferentes abordagens histórico-panorâmicas das tradições dos estudos de cultura, da antropologia, das concepções de cultura, assim como as dinâmicas de transformação (hibridismo, mestiçagem, sincretismo, creolização, etc.) no mundo contemporâneo, foram apresentadas pelas professoras Doutoras Lucia Helena Vendrúsculo Possari, Ludmila de Lima Brandão e Patrícia Osório.



Figura 1: Parte do naipe de Sikus da OEIN (foto do autor).

Talvez pela minha formação de Comunicólogo, a percepção da Semiótica da Cultura, enquanto ferramenta de aproximação e compreensão das diferentes gestões do conhecimento, dos diferentes códigos e sistemas, das distintas produções do teatro, cinema, rádio, televisão, tenha sido um atrativo para o tema. Quiçá pela proximidade do mundo das Artes, enquanto músico de formação autodidata, a possibilidade de melhor compreender/observar: a poesia, a literatura, os mitos, as manifestações da religiosidade, assim como de comportamentos, ritos, festas, dança, performances, produções de significados que a humanidade tem realizado, o olhar da Semiótica para a Cultura foi o que mais despertou afetividades, daí a ideia de realizar uma reflexão inicial sobre as conexões entre os conceitos/termos *Metanarrativa*, *Cosmovisão andina* e *Pensamento Decolonial*, muito presentes como substratos dos discursos da OEIN sobre a música andina, e sobre o comportamento dos diferentes grupamentos de flautas andinas de bambu, subtemas no trabalho de mestrado.

2.1 Metanarrativa, Cosmvisão Andina e o Pensamento Decolonial

Ao pesquisar definições, fundamentações filosóficas/etimológicas/semânticas dos termos propostos (Metanarrativa, Cosmvisão Andina e Pensamento Decolonial), percebi alguns pontos de convergência entre sentidos peculiares dos temas, remetendo a proximidade entre as visões da Antropologia cultural e da Semiótica da cultura, principalmente aquela que preconiza que a cultura “corresponda em primeiro lugar a um mecanismo de semiotização do mundo” (Volli, 2007, p. 239). Em outras palavras, sugerem a cultura como “um organismo composto de vários mecanismos intelectuais que, ao contato com a realidade extra-semiótica, produzem signos” (Volli, 2007, p. 239), traduzindo a informação crua em diferentes formas de linguagem. Vejamos as definições:

Metanarrativa – Segundo a visão filosófica, uma metanarrativa possui o sentido de uma grande narrativa, capaz de explicar todo o conhecimento existente ou capaz de representar uma verdade absoluta sobre o universo. Ainda, de acordo com a visão literária do termo, um conceito bastante difundido no meio acadêmico, define metanarrativa como todo o discurso que se volta para si mesmo, questionando a forma da produção da narrativa, o exercício da dialética. Por sua vez, Jean-François Lyotard, filósofo francês e um dos mais importantes pensadores na discussão acerca da pós-modernidade, considera que a pretensão de um saber globalizante atrelado a um modelo único de discurso “perde sua força frente a conjuntos de fragmentos de histórias variadas e muitas vezes contraditórias sobre um mesmo assunto” (Lyotard, 1979, p. 36).

Conforme Carlos Ceia, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, metanarrativa, formada com o prefixo grego *meta*, “expressa as ideias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão, designa a linguagem que se debruça sobre si mesma” (Ceia, 2017). Por extensão e relação natural dos termos, diz-se também: metadiscurso, metaliteratura, metapoema, metalinguagem. Décio Pignatari, um dos mais importantes poetas do movimento concretista brasileiro, além de professor e teórico da comunicação, já ressaltava nos anos 70, antes da globalização digital portanto, que “vivemos uma infinidade de linguagens e o processo metalinguístico é inerente ao trabalho criador” (Pignatari, 1974, p. 99), onde a multiplicação e a multiplicidade de códigos e linguagens criam uma nova consciência de linguagem, “obrigando a contínuos cotejos entre eles, a contínuas operações intersemióticas e, portanto, a uma visada metalinguística”. (Pignatari, 1974, p. 99).

Cosmovisão – Uma rápida análise dos conceitos sobre cosmovisão fornecerá um grande número de definições, todas das quais, dessa ou daquela maneira, sintetizam o termo como “*a forma como uma pessoa vê o mundo*”. Cada experiência que temos, cada pensamento, cada pequeno fato cotidiano é interpretado por meio das nossas ideias sobre a forma como as coisas são ou deveriam ser. Como “reagimos à dor ou ao prazer, e até mesmo o que é considerado dor e prazer, procedem da nossa cosmovisão” (Blocher, 2017).

Wilhelm Dilthey, filósofo alemão que desenvolve a noção de “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), hoje denominadas “ciências humanas”, diz que “é próprio do ser humano procurar o sentido da vida e que por isso constrói cosmovisões”, que, segundo o autor, se materializam em hábitos e costumes vitais, e nas “valorizações que fazemos, nas interpretações do mundo e que orientam nossa conduta” (Dilthey, 1992, p. 33).



Figura 2: Sikuriada no encerramento do PRC 2017 (foto do autor).

Cosmovisão andina – É fundamentalmente diferente da forma ocidental (eurocêntrica) onde temos essencialmente duas maneiras de perceber a natureza fundamental das “realidades”: por meio da lente da ciência ou pela lente da religião (ocidental/judaico/cristã, em geral). Apesar dessas duas abordagens possuírem diferenças importantes e fundamentais, ambas surgiram dentro de uma cultura específica (ocidental,

eurocêntrica) e foram construídas sobre a mesma base filosófica. A cultura andina, no entanto, não compartilha dessa fundação. “Nem a ciência nem a religião tem uma equivalência na cosmovisão andina, e o que eles têm (para o qual não temos termos correspondentes) não tem contrapartida na ‘nossa Cosmovisão’” (Gordon, 2016). A Cosmovisão Andina não está focada principalmente sobre suas crenças, mas “sobre a experiência da realidade que se torna possível com essas crenças, é sobre a relação com a Natureza e com o Cosmos, que se torna possível com essas crenças” (Gordon, 2016).

O pensamento de Enrique Dussel, professor argentino no Departamento de Filosofia da Universidade Autônoma Metropolitana (UAM, Iztapalapa, cidade de México), refletindo sobre a filosofia andina, apresenta indícios sobre as “bases metafísicas para a composição de uma determinada visão de mundo que se movimenta do centro à periferia e dessa para si mesma e de volta ao centro, constituindo uma dialética cotidiana”, mostrando algo diferente do modo ocidental, eurocêntrico. (Dussel, 1977).



Figura 3: Sikuriada no centro de La Paz (foto do autor).

De acordo com Zúñiga Tinizaray, mestre em designer equatoriana e pesquisadora da iconografia andina, o termo cosmovisão remete a concepção e interpretação do mundo que as sociedades humanas constroem. A cosmovisão se “fundamenta na cosmogonia, que é a fase mitológica relativa as origens do mundo e se organiza na cosmologia, que trata das leis gerais, da origem e da evolução do universo” (Tinizaray, 2006), dessa forma, portanto, a cosmovisão se transforma no organizador do pensamento. A autora, em sua cartografia iconográfica andina, relata uma cosmovisão holística em que:

El pensamiento andino es un pensamiento colectivo, se organiza a partir de un sistema incluyente en el que todos los procesos conllevan a la armonía, expresada en el todo en la parte, así como la parte en el todo, un todo dinámico y equilibrado. Gamaliel Churata (1957, p. 108) en su libro “El pez de oro”, señala: “El hombre es todo en uno o no es”, sino pertenece a la totalidad, es marginado, y si queda solo no sobrevive; pasa a ser un yanacona (sirviente). (Tinizaray, 2006)

Acerca da construção do conceito de cosmovisão, quando critica a perspectiva europeia ocidental sobre o conceito de filosofia andina, Peña Cabrera, professor emérito da Universidade Nacional Mayor de San Marcos, denuncia que esta filosofia, pelo prisma eurocêntrico não se constituiria em filosofia, mas em um conglomerado de "ideias" que poderia ser definido como "fé religiosa" ou "ideologia". Dessa forma, parece que tanto a cosmovisão, quanto a fé religiosa e a ideologia seriam formas primitivas de organização das ideias, não alcançando o status de filosofia. A cosmovisão (*Weltanschauung*) seria uma categoria inferior ao status de filosofia (Peña Cabrera, et al., 1997). Obviamente que Peña Cabrera está denunciando a visão que parte de uma construção eurocêntrica e moderna de ciência que, por muito tempo e ainda hoje, possui a capacidade de determinar “a verdade” e dogmatizar os modelos científicos.

Pensamento Decolonial – A história do *Proyecto M/C* (*Modernidad/Colonialidad*) nasce de um coletivo de pensamento crítico composto por acadêmicos e ativistas da América Latina. Situada em torno da teoria de Análise dos Sistemas-Mundo de Immanuel Wallerstein, contou com a pesquisa interdisciplinar de nomes como Aníbal Quijano, Arturo Escobar, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Walter Dignolo, e outros. Em síntese, o pensamento decolonial infere que, apesar de a América Latina ter ganho independência dos poderes coloniais europeus, as instituições políticas, a racionalidade científica e as hierarquias sócio-raciais do período colonial, permaneceram praticamente intactas. Assim, de uma forma quase metanarrativa – surge a proposta de alteridade epistêmica defendida pelo grupo de que “não se pode analisar a modernidade separadamente da colonialidade” (Lisiak, 2015).

O grupo não só denuncia as mazelas da ferida colonial existentes na América, mas propõe: um giro epistêmico, a descolonização do pensamento, assim como a valorização dos saberes ancestrais de *Abya Yala* – nova (e emblemática) denominação do continente, escolhido na II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala (Quito, 2004), em referência a luta do povo Kuna, nos anos 20/30 do século passado,

pelo direito de autonomia da Comarca de Kuna Yala no Panamá (IELA-UFSC, 2009). A expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais utilizada objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento indicando assim, concordante com a proposta decolonial, além de um novo protagonismo acadêmico, a “presença de outro sujeito enunciador de discurso até aqui calado e subalternizado em termos políticos: os povos originários” (IELA-UFSC, 2009).



Figura 4: Mohoceñada - OEIN juvenil C (Foto do autor)

Para compreender a atualidade das ideias propostas, torna-se essencial a visão da opção decolonial de Walter Mignolo, semiótico e professor argentino da Universidade de Duke:

Básicamente, la opción de-colonial es opción en dos esferas del pensar y el hacer; (...). En uno de los debates se mencionó que el pensamiento de-colonial debería estar también ligado a la acción. La observación (u objeción) presupone, como en todo el pensamiento de la modernidad (liberal y marxista), que una cosa es la teoría y la otra es la praxis. Quizás la primera opción que el pensamiento de-colonial ofrece es la de desligarse de la lastra de dualidades (sujeto-objeto, mente-cuerpo, teoría-praxis, naturaliza-cultura), etc. (Mignolo, 2008a).

A ativa produção de pesquisas, os diferentes interesses e visões dos membros levaram a uma diversidade de caminhos analíticos norteados por categorias distintas, apontando novas direções para pensar criticamente a América Latina contemporânea, hoje organizada sob a categoria de Estudos Decoloniais.

3. Considerações finais

A observação da OEIN, um grupamento de jovens músicos de uma das comunidades urbanas andinas mais emblemáticas – La Paz, sugere, ao que parece até o momento, um certo alinhamento com as propostas do giro decolonial. Com características de resistência cultural, estratégias de legitimação e ressignificação de elementos de culturas tradicionais, com uma visão singular dessa sociedade que se pauta por uma metanarrativa muito peculiar (de origem rural/ancestral) que caracteriza a cosmovisão andina, a orquestra desde seu surgimento, em 1979, tem sido objeto de reflexões e comentários de pensadores como Coriún Aharonián, Graciela Paraskevaídis, Ximena Soruco Sologuren, e Cergio Prudencio, seu idealizador e principal regente. Até o momento, não encontramos nenhuma produção acadêmica brasileira sobre a experiência da OEIN.

A pesquisa se encontra em fase intermediária no momento. As descrições das práticas e tipos de materiais desenvolvidos pela OEIN, assim como a organologia e formas musicais específicas, os diversos conceitos/definições envolvidos no tema também estarão sendo aprofundadas, com vistas a uma discussão/reflexão acadêmica relevante e socialmente comprometida com nossa realidade – a de uma universidade periférica vocacionada às articulações latino americanas. Apesar do estágio intermediário da pesquisa, já se mostra clara a importância da criteriosa observação do “que se faz ao nosso lado”, em uma América-latina tão irmanada por problemas geralmente muito semelhantes e, ao mesmo tempo, tão desarticulada no que diz respeito às necessidades de solidariedade mútua e diálogo multicultural.

O presente trabalho é somente um exercício de aproximação analítica dos termos propostos e, além de não se esgotarem aqui, certamente as aparentes conexões percebidas merecerão maior aprofundamento teórico e crítico, que serão desenvolvidos no decorrer da pesquisa.

A importância do estudo dessas inter-relações semânticas reside no fato de que, enquanto pesquisador/artista/agente público, me parecem evidentes as necessidades: do compromisso com o pensamento próprio, do aprofundamento do debate acerca do comportamento pró eurocêntrico, subalterno, presente nas populações do sub-continente, assim como a reflexão sobre os efeitos das propostas do neocapitalismo que vem sendo implantada em nossa região nesse terceiro milênio.

Provavelmente essas considerações derivem da necessidade de protagonismo que temos, daquele sentimento da falta de unidade e pertencimento, ou talvez de um velho sonho mestiço tão cantado em músicas, poemas e livros: uma Abya Yala - A América Latina - livre, soberana e unida.

Referências:

Blocher, Mark. 2017. Cosmovisão: Uma Introdução. *monergismo.com*. [Online] julho de 2017. [Citado em: 13 de 2017 de 2017.] http://www.monergismo.com/textos/cosmovisao/intro-cosmovisao_blocher.pdf.

Castro-Gómez, Santiago e Mendieta, Eduardo . 1998. Teorías en debate - "Teorías sin disciplina " - MANIFIESTO INAUGURAL. *Teoría, Crítica e Historia*. [Online] 1998. [Citado em: 13/07 de 2017 de 2017.] <http://www.ensayistas.org/critica/teoria/castro/manifiesto.htm>.

Ceia, Carlos. 2017. Metalinguagem (EDTL). *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*. [Online] 2017. [Citado em: 12 de julho de 2017.] <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6067/metalinguagem/>. ISBN: 989-20-0088-9.

Dilthey, Wilhelm. 1992. *Os tipos de concepção de mundo*. Lisboa : Lusofia, 1992.

Dussel, Enrique. 1977. *Filosofia de la Liberación*. [ed.] Disponível em: <
<http://www.enriquedussel.com/libros.html#>>. Cidade do México : EDICOL, 1977.

GIL, Antonio Carlos. 2008. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

Gordon, Oakley. 2016. Sabedoria Sagrada Andina. *Saberes Andcestrais e Tradicionais*. [Online] 14 de 07 de 2016. [Citado em: 15 de 07 de 2017.] <http://despertar.saberes.org.br/saberesancestraistradicionaisnativos/sabedoria-sagrada-andina-cosmologia-incas-1/>.

IELA-UFSC. 2009. Abya Yala - IELA. *IELA-UFSC*. [Online] Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. [Citado em: 15 de 07 de 2017.] <http://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala>.

LAKATOS, Eva Maria. 2003. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2003.

Lisiak, Agata A. 2015. Modernidade/Colonialidade -> Decolonialidade. *contramare.net*. [Online] contramare.net, 2015. [Citado em: 15 de 07 de 2017.] <http://www.contramare.net/site/pt/modernitycoloniality-decoloniality/>.

Liotard, Jean François. 1979. *A Condição Pós-Moderna*. 3a. Paris : Le editions de minuit, 1979.

Mignolo, Walter D. 2008a. A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. *Tabula Rasa*, núm. 8. enero-junio de 2008a, pp. 243-281.

Peña Cabrera, Antonio e Estermann, Josef. 1997. Filosofia Andina. *Cuaderno de Investigación en Cultura y Tecnología Andina*, N° 12. [Online] julho de 1997.

<http://pt.scribd.com/doc/162855788/Filosofia-Andina-J-1997-Josef-Estermann-Antonio-Pena-Libro-Filosofia>.

Pignatari, Décio. 1974. *Semiótica e literatura*. São Paulo : Perspectiva, 1974.

Tinizaray, Vanessa Alexandra Zúñiga. 2006. Aproximación a un vocabulario visual basico andino. *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación N°31*. [Online] julho de 2006. [Citado em: 2017.]

http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/vista/detalle_articulo.php?id_libro=145&id_articulo=5157.

Volli, Ugo. 2007. *Manual de Semiótica*. São Paulo : Loyola, 2007.